

REFERENTES E SEMI-REFERENTES OU
DA RELAÇÃO ENTRE O HÁBITO E O MONGE

Rodolfo Ilari e
Maria Victoria Rébora
Deptº de Lingüística - IEL-UNICAMP

Resumo

Vamos abordar neste texto, de maneira inconclusiva e descompromissada, alguns enunciados da língua portuguesa cuja característica comum é o fato de que, contendo asserções aparentemente corriqueiras sobre determinados referentes, obrigam a considerar esses referentes sob pontos de vista muito particulares, o que resulta em salientar determinados aspectos dos mesmos, aplicando a esses aspectos (e não ao referente como um todo) a predicação expressa no enunciado.

Abstract

In this paper we will approach, though in an informal and inconclusive way, some statements of Portuguese which have a common characteristic. This characteristic is the fact that although these statements contain apparently simple assertions about specific referents, nevertheless one is compelled to consider these referents under very particular points of view. Each one of these points of view turns out to emphasize specific aspects of the referents and the predication expressed in the statement takes as its scope these specific aspects, and not the referent as a whole.

"Um grande número de cidades tinham um Júpiter como divindade políada; eram tantos Júpiteres como cidades."

(F.de Coulanges, A cidade antiga, I, V)

1.1 - As expressões "ponto de vista" e "aspecto" são tomadas aqui em sentido corrente, e não no sentido técnico que assumem na prática da crítica de texto ficcional e em teoria gramatical. Para evitar equívocos, ilustramos esse uso não-técnico através de dois exemplos:

Exemplo 1:

Entre os fatos que marcaram a vida agitada do poeta português Antero de Quental, os biógrafos contam um episódio que teria ocorrido durante a visita oficial do rei de Piemonte, Vítor Emanuel II, à Universidade de Coimbra, e que transformou o poeta, então estudante, no pivô de um incidente diplomático: encarregado de saudar o soberano em nome de sua turma, Antero teria pronunciado nessa ocasião uma alocução particularmente embaraçosa para as autoridades portuguesas, ao declarar algo como

- (1) É bem vindo o amigo de Garibaldi, mas deve ser considerada indesejável a presença do chefe do estado mais agressivo e expansionista de toda a península italiana.

Se levarmos em conta que o "amigo de Garibaldi" e "o chefe do estado mais agressivo e expansionista de toda a península italiana" eram uma única pessoa, e precisamente o soberano em visita, (1) tem algo de paradoxal: a vinda de uma mesma pessoa é declarada simultaneamente desejável e indesejável, e isto é, ao menos à primeira vista, contraditório. É claro que não se tratava de uma contradição inocente: nas circunstâncias, ela teve o efeito de mostrar Vítor Emanuel como uma personagem contraditória, contrastando aos motivos de júbilo motivos ainda mais fortes de protesto. Antero representa Vítor Emanuel de dois pontos de vista diferentes, e consegue com isso marcar como contrastantes duas facetas ou aspectos de seu papel histórico. É com o sentido corrente que as palavras "ponto de vista" e "aspecto" assumem nesta última frase, que elas devem ser tomadas.

Exemplo 2:

De Enrico Caruso, o célebre cantor lírico, conta-se que foi certa vez convidado para participar de um recital beneficente. Naturalmente, ele seria o principal atrativo do recital, e os organizadores - pessoas bem intencionadas ligadas a alguma instituição filantrópica cujo nome esqueci - contavam com sua presença para uma boa arrecadação. Noite do recital: casa cheia e uma excelente arrecadação, mas Caruso não aparece. Pouco depois, chega a notícia de que ele só cantaria mediante um pagamento ele vadíssimo, na verdade equivalente à arrecadação obtida. Desespero dos filantropos que, para não enfrentar as iras do público, acabam se conformando com as condições do cantor. Caruso vem e canta. Ao despedir-se do público, entrega aos organizadores um cheque no valor do triplo do cachê e explica:

- (2) O cantor Caruso cobra caro por seus recitais. Mas o homem Caruso apoia a causa de vocês. E contribui.

Há um nível em que também este enunciado é absurdo: a pessoa que cobra o recital, para desespero da organização filantrópica, é a mesma que encerra o recital com uma contribuição mais do que generosa; mas a afirmação absurda consegue ser estranhamente informativa: ela vale por uma defesa da música enquanto profissão, e serve como uma espécie de demonstração a fortiori da generosidade de Caruso, uma generosidade que ele não se envergonha de tornar pública. Observemos que no enunciado (2) se encadeiam duas asserções, referidas respectivamente ao "cantor Caruso" e ao "homem Caruso": é de novo uma mesma personalidade encarada sob dois pontos de vista, qualificada por dois aspectos diferentes. O contraste fica mais forte porque as duas atitudes que emanam desses dois aspectos - cobrar extorsivamente e doar com prodigalidade - são vistas como incapazes de pertencer à mesma pessoa.

1.2 - Há uma sensível semelhança entre o modo como se usaram "o cantor Caruso e o homem Caruso" na frase acima e certos usos conhecidos de "a estrela da manhã e a estrela da tarde", sugerindo uma linha de explicação segundo a qual se trata de expressões extensionalmente equivalentes e intensionalmente distintas. Avaliaremos essa linha de explicação, depois de inventariar as principais construções em que se aplica o processo de interpretação descrito no primeiro parágrafo deste texto. Para cada uma das

me comum precedido do artigo definido; a ordem é variável (o cantor Caruso e Caruso o cantor).

Essa construção reserva algumas surpresas. A primeira é que ela não desempenha necessariamente as funções do aposto tal como as descreve a tradição gramatical. A gramática tradicional (seguida neste ponto pela doutrina gerativa, em sua distinção de orações relativas restritivas e afirmativas) descreve os apostos que se possam aplicar a um nome próprio como construções expressando descrições alternativas do mesmo referente, absolutamente incapazes de operar qualquer tipo de delimitação ou restrição. Essa doutrina certamente se aplica a

- (5) Floriano Peixoto, o segundo presidente da república velha.

mas não a

- (6) Caruso, o cantor,

não se (6) ocorrer no contexto do diálogo (6a)

- (6a) A - O Caruso está muito ocupado com a montagem do Atlas Lingüístico do estado de São Paulo.
 B - Não sabia que Caruso ainda está vivo.
 C - Não é de Caruso, o cantor, que estou falando, mas do Caruso lingüista, que trabalha na Unesp.

Aqui, evidentemente, há restrição, provavelmente porque o sobrenome "Caruso", como a maioria dos sobrenomes, se aplica de algum modo a uma pequena coletividade, aproximando-se assim de um nome comum com o sentido "pessoa cujo sobrenome é 'Caruso'".

Coloquemo-nos porém numa situação em que o sobrenome Caruso não se presta a "erros de pessoa", como é o caso da situação em que quisemos inserir o nosso exemplo (2) da seção 1.1. Aí o homem Caruso, o cantor Caruso e outras que poderíamos lembrar (o imigrante Caruso, o carregador Caruso, o Caruso vítima de câncer, etc.) não servem, por hipótese, para distinguir pessoas, mas para separar aspectos numa pessoa perfeitamente identificada. Para essas situações, vale esta segunda observação, igualmente surpreendente: embora da propriedade de ser cantor decorra a propriedade de ser um ser humano por uma espécie de postulado de significação

que qualquer teoria semântica elementar incorpora sem problemas, as afirmações que valem para o cantor Caruso não valem necessariamente para o homem Caruso (e vice-versa): nem (7) acarreta (8) nem (8) acarreta (7):

- (7) O cantor Caruso era excêntrico.
- (8) O homem Caruso era excêntrico.

Cantor e homem, duas palavras que, por suas significações, ocupam posições determinadas numa mesma hierarquia de "entailments", funcionam, neste contexto sintático, como se nada tivessem em comum; dito de outra maneira, na posição sintática em questão, as hierarquias lexicais se neutralizam.

Observemos por fim que um aposto indicando propriedade mais genérica pode, eventualmente, ser mais apropriado para selecionar um aspecto do que um aposto indicando propriedade específica; isto ocorre, notadamente, quando o indivíduo objeto de referência é amplamente conhecido por um aspecto particular de sua história pessoal: uma alusão ao "cantor Caruso", antes da função do Teatro alla Scala, sugere menos uma intenção de separar um aspecto/ponto de vista do que uma alusão ao "homem Caruso": esta última, ao contrário, sugerirá que a perspectiva que se fixou historicamente para o indivíduo Caruso - como cantor lírico - não deve ser considerada apesar de ser uma das tantas facetas do homem Caruso.

2.2 - O Corcovado dos cartões postais, o Corcovado das pinturas oitocentistas

Uma fórmula sintática distinta da aposição consiste em acrescentar ao nome próprio um adjunto constituído por sintagma preposicional. Que se possam destacar dessa forma "aspectos" de um referente, parece claro: os enunciados.

- (9) As montanhas que cercam aquela baía evocam ao visitante brasileiro o Corcovado das pinturas oitocentistas.
- (10) As montanhas que cercam aquela baía evocam ao visitante brasileiro o Corcovado dos cartões postais.

embora descrevam duas situações igualmente plausíveis, não relatam exatamente a mesma coisa: a imagem do Corcovado que aparece

nos cartões postais é habitualmente uma imagem tirada do avião, com o Cristo Redentor e o mirante vistos do alto; a imagem do Corcovado que aparece nos quadros do século passado não tem Cristo Redentor e é vista de baixo e de longe.

O contraste que acabamos de estabelecer entre (9) e (10) certamente não se estabeleceria entre (11) e (12),

(11) As montanhas que cercam aquela baía evocam ao visitante brasileiro o Corcovado da Baía da Guanabara.

(12) ... o Corcovado da Baía do Rio de Janeiro.

e isso leva a indagar que tipos de adjuntos, acrescentados a um nome próprio, são capazes de produzir a "separação de aspecto" que nos interessa neste trabalho. Aparentemente, o acréscimo de adjuntos não basta para separar aspectos na referência a um indivíduo: a construção Nome próprio + Adjunto é compatível com três interpretações:

- a) a que separa aspectos mas não referentes,
- b) a que não separa aspectos nem referentes,
- c) a que separa referentes.

Estão no primeiro caso

- (13) O Wittgenstein das Investigações, o segundo Wittgenstein;
O Wittgenstein do Tractatus, o primeiro Wittgenstein;

qualquer aluno de Monsieur Pomey sabe que Wittgenstein era um austríaco de cabelo farto, que se chamava Ludwig e era um só, mas que o primeiro Wittgenstein foi o do Tractatus e o segundo foi o das Investigações; inverter essas associações leva a afirmações falsas, o que mostra que há necessidade de critérios de identidade para "aspectos".

No terceiro caso estão

- (14) O Plínio das Epístolas, o Plínio da História Natural.

É mais ou menos sabido que houve dois romanos mais ilustres chamados Plínio, o primeiro um naturalista que morreu por querer observar muito de perto a erupção do Vesúvio, o outro um historia-

dor-literato contemporâneo de Trajano. A alusão à História Natural e às Epístolas nos adjuntos de (14) é suficientemente escla- recedora para que nos fixemos numa ou noutra dessas personagens, o que aliás pode ser utilizado para contornar a ambigüidade refe- rencial de

(15) Já dizia Plínio que fumaça é ruim para os brôn- quios.

Provavelmente um bom exemplo da segunda situação é

(16) O Camões das Redondilhas e dos Lusíadas,

mas é preciso atentar, nesse exemplo, para a presença de uma cong- rução gramatical particular - a coordenação: na medida em que há coordenação no interior do adjunto, a possibilidade de desdo- brar aspectos fica excluída: a coordenação no adjunto parece ori- entar invariavelmente a busca do sentido dos traços comuns, e não de aspectos separados. É diferente a coordenação de sintagmas no minais com adjuntos: cp.

(17) O Camões dos Lusíadas e o Camões das Redondilhas.

2.3 - *Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora de Lourdes*

A língua portuguesa usa uma gramática específica para fazer referência aos santos, à virgem Maria e ao Cristo: Nosso Senhor e Nossa Senhora, quando referidos a eles, não recebem o artigo (que é facultativo antes dos possessivos, em geral: assim o nosso senhor não é uma maneira vernácula de falar de Cristo, em- bora pudesse ser uma maneira vernácula para falar do proprietá- rio da casa grande, por parte dos escravos). Santo é qualificado pelos dicionários como adjetivo, e de fato tem dos adjetivos a característica mais peculiar: os graus de comparação (santo, mais santo, santíssimo); seu sinônimo é bem aventurado, mas a diferen- ça de bem aventurado, santo não é nunca precedido pelo artigo.

(18) O bem aventurado Estêvão, *o santo Estêvão, santo Estêvão.

nem mesmo quando o nome próprio do santo sofre o acréscimo de um

adjunto (ver adiante uma restrição a essa afirmação):

(19) *o Santo Antônio de Pádua.

Também para essas expressões hagiológicas, o acréscimo de um adjunto deixa abertas as três possibilidades que enumeramos em 2.2: os falantes nativos de português convivem sem traumas com o fato de que Santo Antônio de Pádua é Santo Antônio de Lisboa, com o fato de que Santa Teresa de Ávila não é Santa Teresa de Lisieux, e que Nossa Senhora de Lourdes é e não é Nossa Senhora de Fátima, no sentido de que embora não se trate de dois objetos distintos de veneração, cada uma das denominações evoca uma representação distinta da mãe de Cristo, e talvez formas alternativas de devoção.

Em todas as expressões descritas nesta secção, o acréscimo do adjunto não tem o poder de fazer aparecer um artigo, mas o artigo aparece quando essas denominações hagiológicas são incorporadas aos títulos de obras que tomam os santos como objeto de representação artística:

(20) O São Francisco de Giotto, o São Francisco de Portinari, o São Francisco de Vinícius de Moraes, o São Francisco de Zeffirelli...

Hã, nessas expressões, cujo esquema sintático é o da aplicação de adjuntos,

(21) Artigo definido adjunto res-
expressão referencial
tritivo.
o São Francisco de Giotto

a alusão de um certo modo, historicamente ligado a um certo artista, de representar o tema. O mesmo esquema sintático e o mesmo "efeito semântico" valem obviamente para assuntos profanos, cp.

(22) Voltaire de Houdon.

Pode-se dizer, assim, que a construção (21) dá realce a um aspecto do referente / o representa de acordo com um determinado ponto de vista, o que justifica sua inclusão no nosso levantamento.

2.4 - A Nova Iorque dos anos '50

Os adjuntos adnominais de tempo são bons candidatos ao papel de separar aspectos, mas o desdobramento não é automático. Em (23)

(23) A exposição universal de São Francisco de 1910.

não há desdobramento, provavelmente porque se sabe que houve uma única exposição universal em S. Francisco, e uma única exposição em 1910, e foi o mesmo evento; em

(24) O Campeonato Mundial de Futebol do México de 1986

há desdobramento, mas de referentes (houve dois mundiais de futebol no México, um em 1986 e um em 1970). Parece na realidade que a probabilidade de um adjunto adnominal de tempo desdobrar aspectos num referente é maior ao lado de nomes próprios indicando um objeto que dura e se altera através do tempo, como é o caso precisamente de pessoas, instituições e cidades: o adjunto deve referir-se a uma data posterior ao momento em que o objeto se configura como um todo, e provavelmente deve ser posterior ao momento em que o objeto é "batizado" pelo nome próprio. Assim,

(25) A Nova Iorque de 1700

é Nova Amsterdão, o embrião nolandês da atual metrópole; mas

(26) A Nova Iorque de 1500

é mais provavelmente a cidade que em 1500 desempenhava o papel de capital do mundo (Amsterdão? Veneza? Bizâncio?) do que alguma pequena povoação indígena ao lado do Rio Hudson.

No contexto da narrativa abaixo,

(27) A campanha que Da. Carolina liderou em 1910 só surtiu efeitos para a própria Da. Carolina, que foi presa e condenada por arruaça. Afinal, na constituição de então, o voto era uma prerrogativa esstritamente masculina.

a expressão grifada é mais provavelmente entendida como "a cons-

tituição tal como vigorava em 1910", "a constituição, com as feições que assumia em 1910". Percebe-se que a constituição é representada como um objeto durável, que assume aspectos diferentes em momentos sucessivos. Mas se o contexto conseguir sugerir de alguma maneira uma intenção de opor (e para isso basta coordenar dois sintagmas com adjuntos de tempo diferentes), teremos a nítida impressão de referentes distintos, cp.

(28) A constituição de 1892 e a constituição de 1934.

2.5 - Pontos de vista, aspectos e sub-referentes

Deveria ter ficado claro ao longo da exposição que precedeu que o acréscimo ao nome próprio de um aposto ou adjunto é condição necessária mas não suficiente para que se configure uma interpretação em que um referente sobre cuja identidade não há dúvidas é representado sob um aspecto particular, restringindo-se a esse aspecto a asserção contida na frase.

Os adjuntos/apostos que destacam um aspecto particular como objeto de predicação não se singularizam por ser específicos (lembre-se que o homem Caruso é melhor candidato à interpretação que nos interessa do que o cantor Caruso); também não se singularizam, até onde é possível avaliar, por nenhuma característica estritamente semântica. Seu traço comum parece ser, antes, o fato de que se opõem, numa situação dada, ao aspecto que seria espontaneamente evocado, que é dominante na cultura considerada: Nova Iorque evoca, hoje, de algum modo, uma representação de cidade grande; hoje, lembramos mais naturalmente o Verdi compositor, e não o grande regente que ele foi; e assim por diante; essa "representação consagrada" intervém como termo de referência: que se pode afastar mencionando um aspecto alternativo, mas que eventualmente subsiste: vimos que

(29) A Nova Iorque do século XVI

é provavelmente Veneza ou Bizâncio, cidades às quais, respeitadas as proporções, se aplicariam então alguns dos atributos próprios da visão estereotipada de Nova Iorque.

Se, olhando para os casos de "separação de aspectos" descritos até aqui, os compararmos com exemplos mais comuns de expressões referenciais, veremos que não há diferenças notáveis,

nem do ponto de vista sintático - já que as construções envolvidas são as mesmas - nem do ponto de vista dos processos semânticos: em ambos os casos, apresenta-se um certo recorte da realidade de como um objeto distinto de outros. O que há de peculiar nos exemplos estudados é que o falante não utiliza recortes que a língua e a cultura lhe oferecem, por assim dizer prontos, na forma de referentes de nomes próprios consagrados, mas realiza atos de referência em que esses recortes são lembrados para serem "transgredidos". Como o processo é de construção de referentes que se destacam de algum modo dos referentes disponíveis na língua, temos uma espécie de "referência dentro da referência", ou, como parece justificado dizer também, um processo de construção de "sub-referentes".

3. Analisaremos a seguir algumas construções que, aplicadas ao verbo, dão realce a um determinado aspecto do indivíduo a que o sujeito da oração faz referência/representam-no sob um determinado ponto de vista. Essas construções, como as da secção 2, relativizam a um determinado aspecto do indivíduo que é objeto de referência a asserção contida no enunciado; o processo é entretanto distinto, pois não está em jogo a construção de sub-referentes.

3.1 - *Como rei / como o rei / como um rei*

Do ponto de vista sintático, os três enunciados

- (30) Na proclamação de 1976, Juan Carlos falou como um rei.
- (31) Na proclamação de 1976, Juan Carlos falou como rei.
- (32) Na proclamação de 1976, Juan Carlos falou como o rei.

distinguem-se apenas pela alterância dos três artigos: indefinido, definido e zero. A alternância dos três artigos assume aqui um sentido parcialmente diferente em relação a outros contextos; de fato, parece que o enunciado (32) se distingue fortemente dos outros dois, como se pode constatar enquadrando-os numa

mesma análise em "traços":

- (a) em (30) e (31) Juan Carlos é efetivamente comparado com um rei, quer se trate de um rei determinado ou não; em (32) não há realmente comparação;
- (b) (31) e (32) não poderiam ser assertadas a propósito de um país em que não haja/ em que nunca tenha havido rei; (30) poderia;
- (c) de acordo com (32), Juan Carlos é rei; poderia não ser rei por (30) e (31).

(32) indica que Juan Carlos exerceu, ao falar em determinada ocasião, seu papel de rei: paráfrases razoáveis para esse enunciado são

- (31a) João Carlos, na proclamação de 1976, falou na qualidade de rei.
- (31b) ... falou no papel de rei.
- (31c) ... falou no uso de suas prerrogativas de rei.

em que se explicita a ligação entre a fala de Juan Carlos e um dos papéis que ele exerce. É claro que Juan Carlos tem além da realeza uma quantidade indefinida de outros atributos, por exemplo o de ser membro da Academia Espanhola de Letras, ou de ser o titular de um determinado telefone. Comparando (32) a

- (33) Juan Carlos falou como presidente da Academia Espanhola de Letras

e a outros enunciados do mesmo tipo, chegamos a uma espécie de regra sintático-semântica, que se enuncia como segue:

- (34) Em orações da forma
(SN - 1) + (SV) + como (SN - 2)
em que o sintagma nominal introduzido pelo operador como é constituído por um substantivo comum, sem artigo, o indivíduo designado pelo SN sujeito é representado segundo a propriedade do substantivo comum introduzido por como, que é declarada relevante como circunstância da ação expressa pelo SV.

Como regra sintático-semântica, (34) é apenas uma aproximação: três questões, no mínimo, ficam pendentes:

- a) é possível que a propriedade expressa pelo adjunto seja referida ao referente do SN-objeto, e talvez de outros termos da oração, cp.

(35) A imprensa responsabilizou Maluf, como governador do estado, pelos acontecimentos da Freguesia do Ó.

- b) Ninguém fala como rei sem ser rei, e isto levanta o problema se orações com a forma (34) comportam o pressuposto

(36) SN-1 é/era SN-2,

se, por exemplo, (32) comporta o pressuposto "Juan Carlos é rei". Pensamos que não, porque os testes habituais para a identificação de pressupostos falham; qualificar (36) como subentendido, "entailment" etc. é igualmente problemático. Aliás, frases como (32) desafiam as análises pressuposicionais correntes por uma razão extra: (32) poderia perfeitamente estar indicando o ato pelo qual Juan Carlos assumiu sua condição de rei: Juan Carlos não era rei antes (quem gosta de pensar a monarquia como uma condição de direito divino, e portanto estabelecida de maneira eterna nos de sígnios de Deus, que tome este outro exemplo: Luís Catorze, no célebre discurso em que dispensou os serviços dos primeiros ministros depois da morte de Mazarin, falou pela primeira vez como chefe do estado francês - aliás assumiu a condição de chefe de estado precisamente pelo tom e pelo conteúdo de sua fala: haveria portanto um quê de estranho em dizer que ele era chefe de es tado antes, durante ou depois.)

- c) por fim, seria preciso aprofundar a idéia de que "a propriedade expressa pelo substantivo comum introduzido por como é relevante como circunstância da ação expressa pelo predicado": apenas para mostrar a necessidade dessa investigação, chamamos a atenção para as diferentes expectativas (em relação, por exemplo, às campanhas eleitorais) determinatas por

(31d) Em 1935, X lançou-se candidato como representante dos barnabês.

(31e) Em 1958, X lançou-se candidato como antigo combatente da FEB;

atente-se, mais uma vez, para (32): se Juan Carlos tivesse fala-

do como rei sem ser rei, ele incorreria nas conseqüências de um gesto de usurpação.

2.1.1 - Talvez seja este o momento certo para observar que o verbo falar, na construção (34), obriga a pensar a fala como um "ato de fala" no sentido da tradição de Austin e Searle; não acontece o mesmo com a maioria dos adjuntos de comparação - classe na qual o adjunto de (34) seria enquadrado com toda a probababilidade, segundo a gramática tradicional. Comparem-se a esse respeito

- (37) ele fala como padre
- (38) ele fala que nem padre
- (39) ele fala igual a (um) padre.

Em (38) e (39) está em jogo o modo de pronunciar, ou seja, a dimensão locucional do falar; tanto isso é verdade que se podem colocar em paralelo com (33) e (39) frases com pronunciar:

- (38') ele pronuncia que nem padre
- (39') ele pronuncia igual a um padre,

uma possibilidade que fica excluída para (37):

- (37') ele pronuncia como padre (?).

A contra-prova é que basta encontrar contextos em que pronunciar descreve um ato de fala no sentido da tradição de Austin e Searle para que o verbo possa figurar no esquema de enunciado (34):

- (40) O juiz pronunciou o acusado como presidente do tribunal de primeira instância.
- (41) O padre pronuncia as palavras de consagração como representante de Cristo.

2.1.2 - Os exemplos com falar e pronunciar levantam uma questão geral: saber quais verbos (e com que sentidos) podem ocorrer na construção (34): Não são todos e são poucos.

- (42) Um velho pode andar como um velho, mas não andar como velho; um pacato pai de família (imaginemos

que se chama João da Silva) pode ser criticado como juiz de futebol e pode, eventualmente, como juiz de futebol, atrair sobre si as iras de enormes multidões. Se apanhar, apanhará como João da Silva, não como juiz de futebol; se for recolhido a um hospital por lesões generalizadas, poderá ser internado (registrado) como juiz de futebol; se morrer, não morrerá como juiz de futebol, morrerá tout court.

Um levantamento rápido de predicados com os quais a construção (34) é possível inclui:

a) Variações de falar, descrevendo um ato de fala.

(43) dirigir-se à população como candidato do governo.
manifestar-se na assembléia como representante do sindicato.

b) Variações de participar.

(44) defender a equipe do Paulista como ponta esquerda.
(jogar no Paulista como ponta esquerda)
participar do segundo gabinete Rio Branco como ministro das finanças.
trabalhar na Vale do Rio Doce como engenheiro de O & M.
disputar as eleições como candidato do partido verde.

c) Variações de comparecer.

(45) comparecer à inauguração como presidente do clube de bairro.
visitar as cadeias como membro da Anistia Internacional.

Note-se que "comparecer à inauguração como presidente do clube de bairro" não é o mesmo que "comparecer à inauguração", mesmo que o indivíduo que comparece seja o presidente do clube de bairro. Pode-se imaginar um presidente do clube de bairro que comparece à inauguração por razões próprias; mais pre-

cisamente: supondo que João da Silva tenha sido presidente do clube de bairro de 1975 a 1977, e que tenha comparecido durante todo esse período a 23 inaugurações, é possível que ele tenha comparecido como presidente do clube de bairro a somente dez delas. A moral dessa "contabilidade" é que não basta que um indivíduo pratique uma determinada ação e tenha ao mesmo tempo um determinado atributo para que o atributo afete a ação; dito de outra maneira ainda, como não indica simultaneidade, a despeito do que sugere sua melhor paráfrase: enquanto.

Vê-se com clareza nesses predicados que são variação de participar que o operador como introduz conteúdos de caráter proposicional que podem ser verdadeiros ou falsos, e que podem ser negados em separado. Todo velho torcedor do Paulista de Jundiáí lembra-se de um futebolista talentoso e mascarado, especialista em humilhar os goleiros adversários com gols mirabolantes, que atendia pelo nome de Cilas. Quem dissesse que

(46) O Cilas defendeu o Paulista como ponta-esquerda. estaria faltando com a história do melhor futebol do mundo, de fato

(47) Cilas defendeu o Paulista, mas não como ponta-esquerda; até o dia em que a cachaça acabou com ele, Cilas só vestiu a camisa 9. Para alguns semanticistas, tudo aquilo que se nega é, em algum nível de representação, um predicado. A possibilidade de negar a informação que vem depois de como leva naturalmente à hipótese de que deva ser tratada como predicado.

d) Variações de fazer expressando realizações associadas a um cargo ou função.

(48) Como prefeito de São Paulo, Jânio construiu o aeroporto e o parque Ibirapuera.

Como chefe do posto indígena, Evans Pritchard aplicava as leis inglesas à população negra.

Uma das tantas frases que cabe enquadrar neste tipo é

(49) Como prefeito, Chico Amaral não fez nada.

Essa frase autoriza uma observação parecida à que fizemos sobre inaugurações: (49) afirma que Chico Amaral não fez nada durante seu mandato de prefeito em um sentido relativo: com certeza, o

alcaide campineiro continuou cortando o cabelo nas barbearias de Barão de Jaquara, tomando uma ou duas refeições diárias e conversando com os correligionários. O que faltou na administração Chico Amaral, e a frase (48) cobra, são as realizações que a população esperava de um grande burgo-mestre, não os atos insignificantes do dia-a-dia.

e) Variações de tornar-se famoso, importante.

(50) Boccaccio passou à história como contista, embora tenha tido um papel ainda mais fundamental como estudioso de textos antigos.

Thomas A. Edison é conhecido como inventor da lâmpada incandescente, embora tenha patenteado ao longo da vida mais de 500 inventos.

Fernando Henrique despontou como político em 1982. Pêrsio Arida ganhou notoriedade como pai do Plano Cruzado.

Entre as variações de "tornar-se famoso, importante", cabe obviamente incluir os casos de queda no esquecimento. Um exemplo é:

(51) Fernando Henrique morreu como político (isto é: deixou para sempre de ser um líder político) quando perdeu a prefeitura para Jânio.

Compensa comparar o sentido de (51) com o de (52) e (53):

(52) O político Fernando Henrique morreu.

(53) Fernando Henrique morreu.

De (51), parece correto inferir (52), mas não (53). De (53), não parece correto inferir nem (52) nem (51). Pode-se de fato dizer que

(54) Getúlio Vargas sobreviveu como político ao seu próprio suicídio.

f) Outros.

Certamente, não se enquadra no tipo e) o enunciado

(55) Vaugelas morreu como gramático.

se por meio dela quisermos nos referir ao modo como morreu, segundo a tradição, o célebre sistematizador da língua francesa. Conta-se que Vaugelas teria feito de sua própria agonia a ocasião para enunciar um último exemplo de regra gramatical, ao pronunciar a frase "Je m'en vais ou je m'envas, l'un et l'autre se dit ou se disent". Não há maneira mais gramatical de enfrentar a própria morte e (55) se presta a descrever a atitude em questão.

A frase (55) fica registrada como lembrete de que os cinco tipos antes enumerados fornecem apenas uma classificação grosseira, que deixa subsistir um "resto" enorme. Como o verbo de (55) é o mesmo de (52), mas num caso se fala de perda de notoriedade política, e no outro de falecimento, somos levados a admitir que o adjunto não afeta o sentido do verbo de maneira uniforme. Este problema pode ser colocado para todos os predicados exemplificados nesta secção. É possível, em outras palavras, que a construção descrita em (34) devam ser referidas não só várias classes de predicados, mas ainda várias maneiras de interpretar um mesmo predicado.

3.2 - Para alguém que...X...

O efeito de relativizar a um ponto de vista particular a asserção expressa pelo predicado pode ser notada também em enunciados como

(56) Para quem foi eleito com 7 milhões de votos, Jânio não fez um governo aceitável.

Provavelmente, quem afirma (56) estaria disposto a admitir que o governo de Jânio não foi realmente inaceitável, que foi até melhor do que outros governos da história republicana, mas ficou aquém da expectativa criada pela votação maciça com que Jânio foi eleito. Da mesma forma, dizer que

(57) Para quem recebeu uma equipe de velhos e aleijados, Telê Santana fez uma ótima campanha no municipal de 86.

não é o mesmo que dizer, sem mais, que

(58) Telê Santana fez uma ótima campanha no mundial de 86.

(56) e (57) não expressam juízos absolutos, e sim juízos relativizados a um certo ponto de vista sobre o sujeito, que é considerado relevante.

A construção que estamos examinando consiste, como se pode ver pelos exemplos, em antepor ao sujeito um adjunto introduzido pela preposição para, e constituído basicamente por uma espécie de nome comum complexo, no qual entram um indefinido (alguém), um relativo (que) e em seguida uma oração relativa. Parece não haver restrições quanto às funções que o pronome pode assumir na oração relativa, e a forma desta última: para todas as frases abaixo, é possível construir uma continuação que seja perfeitamente gramatical:

(59) para alguém que já matou.../ mata...
para alguém que nunca matou.../ não mataria...
para alguém que sofreu atentado...
para alguém que confia nos amigos.../ em quem os amigos confiam
...

Há uma relação a ser notada entre essa construção e (um dos usos de) até que: quando o aspecto descrito na oração relativa determina uma expectativa pessimista que afinal a oração principal não confirma (quando a oração relativa se refere a alguma "causa impeditiva" que afinal foi neutralizada) a oração principal pode começar por até que: poderia ser assim na oração (57), onde as condições de trabalho de Telê Santana levariam a esperar um resultado totalmente desastroso, que afinal não se confirma; é assim também em

(60) Para alguém que estudou num péssimo conservatório, Pedro até que toca bem.

Do ponto de vista semântico, fica claro que o papel da oração relativa (que pode alcançar uma grande complexidade sintática) é o de constituir um predicado (no sentido lógico-semântico do termo); a informação que esse predicado expressa, aplicada ao sujeito da oração principal, dá origem a um conteúdo proposicional que será incorporado como um pressuposto às informações veiculadas

De mais a mais, de (64) decorre (67), mas de (65) não decorre (68).

(67) Juan Carlos falou.

(68) 'Telê falou pouco.

Isto deixa claro que a língua evoca pontos de vista com propósitos semânticos bastante variados. É algo que não se deve esquecer, ao buscar qualquer tentativa de sistematização.

4. Na secção 2, deste levantamento, apontamos algumas estruturas sintáticas que permitem construir sub-referentes; na secção 3, consideramos dois tipos de ajuntos cujo conteúdo semântico se incorpora, de maneiras diferentes, ao predicado. É claro que das seis ou sete classes de ajuntos que mencionamos, algumas estão mais próximas entre si no que diz respeito à interpretação, e que o quadro geral sugere uma impressão de grande heterogeneidade. Tentaremos, ainda assim, avaliar o interesse de algumas noções lingüísticas estabelecidas, como explicações gerais.

4.1 - *Passagem pela intensão*

Nosso exemplo (1) comporta duas descrições do mesmo indivíduo. Conforme uma ou outra descrição é adotada, um determinado predicado (a presença de... é desejável) é verdadeiro ou falso. Posta a questão nestes termos, estamos muito próximos da noção corrente de contexto intensional, que costuma precisamente ser definido como aquele contexto em que a verdade ou falsidade da asserção não depende do referente de que se predica, mas do modo como esse referente é descrito. Em sua análise clássica de exemplos como

(71) Davy acreditava que o caçador de ursos visto em Weeds fumava cachimmo de osso.

(72) O caçador de ursos visto em Weeds é o comandante do forte de Sacramento.

Quine mostrou que, mesmo confiando na verdade de (72), não se pode garantir que o valor de verdade de (71) será confirmado se a expressão "o caçador de ursos visto em Weeds" for substituí-

da por "o comandante do forte de Sacramento". A mesma substituição não afetaria o valor de verdade de

(73) O caçador de ursos visto em Weeds fumava cachimbo de osso.

Observando que (73) reage à substituição diferentemente de (71), e que as expressões substituídas em (71) se incluem na oração subordinada introduzida por acreditar, chega-se à noção de contexto intensional: acreditar cria um contexto intensional, cujos limites coincidem com os da subordinada que ele rege, precisamente porque, nesses limites, não é possível substituir uma às outras expressões co-extensionais, assegurando que o valor de verdade do enunciado como um todo será mantido.

Ao propor uma explicação intensional para exemplos como (1), temos à mão alguns dos componentes habituais dessa explicação:

- i. presença de duas descrições distintas de um mesmo indivíduo;
- ii. impossibilidade de substituir uma pela outra assegurando a preservação do valor de verdade da oração inicialmente dada;
- iii. relevância do modo como o referente é descrito, em oposição à identidade do referente.

O elemento que falta é uma palavra ou expressão previamente reconhecida como responsável pela criação do contexto intensional. Esta é contudo uma dificuldade contornável. Cabe com efeito lembrar que há uma espécie de hierarquia de dificuldades pela qual os locutores mobilizam níveis de interpretação cada vez mais complexos, ao constatar a falha de explicações mais elementares. Por outro lado, os locutores procuram normalmente desmanchar, interpretando-as, as contradições óbvias (no discurso corrente, por exemplo, a afirmação de que "Manuel Bandeira é modernista e não é" faz sentido); por isso parece correto dar a (74) o caráter de uma regra de interpretação:

(74) se uma conjunção de asserções a respeito do mesmo indivíduo resultar numa contradição no nível extensional, tente desfazer a contradição passando para o nível intensional.

Por meio de (74), podemos justificar um tratamento intensional

para todos os enunciados listados na secção 2.; nos enunciados da secção 3., os termos que criam contexto intensional são facilmente identificados: como e para.

A explicação intensional, enquanto explicação geral, es barra porém numa dificuldade de outra ordem, muito menos contornável: falar de intensões é uma maneira de evocar mundos possíveis distintos do mundo real, uma evocação que só se justifica plenamente quando se consegue mostrar que ela faz parte da interpretação regular de uma palavra ou construção gramatical. É assim, para citar um exemplo merecidamente conhecido, que Dowty explica as formas progressivas do verbo: elas representariam, no mundo real, o desenvolvimento parcial de um processo cuja especificidade só se define realmente pelo desenvolvimento completo, que ocorre num mundo possível eventualmente diferente do mundo real. Nessas condições, é possível desenvolver uma semântica intensional perfeitamente explícita, onde as condições de verdade das expressões complexas podem ser calculadas a partir do sentido dos constituintes (vocabulário e construções gramaticais). In felizmente, parece difícil realizar um percurso análogo para todas as construções de nosso inventário, no qual é preciso distinguir três casos:

- a) a evocação de outros mundos é intuitivamente esclarecedora, e a semântica das expressões é calculável - este é o caso de "o nome Caruso /o cantor Caruso": é possível imaginar um mundo em que só estão registrados predicados que dizem respeito a Caruso como cantor, e um outro que somado ao primeiro produz o mundo real em que Caruso viveu. Aproximadamente, a oposição entre os dois mundos permite distinguir os predicados que cabe atribuir a Caruso enquanto cantor e enquanto homem. Como cantor e homem são expressões lexicais típicas, dotadas de um sentido na língua, cabe esperar que possam entrar num cálculo de condições de verdade;
- b) a evocação de mundos alternativos é intuitivamente esclarecedora, mas a semântica das expressões não parece calculável - é o caso de "Nossa Senhora de Fátima", "Nossa Senhora de Lourdes": podem-se associar a Fátima e a Lourdes mundos em que pre valem para Nossa Senhora determinados predicados, mas dificilmente as palavras Fátima e Lourdes serão tomadas como elementos de um cálculo de condições de verdade: nomes próprios, essas palavras não pertencem rigorosamente ao vocabulário da

de vir expreso na oração, como acontece em

(77) O Empire State é alto para um prédio de apartamentos / é um prédio de apartamentos alto.

mas pode eventualmente ficar implícito. Neste último caso, é interpretado como um objeto construído que representa a média dos objetos do mesmo tipo, e a representação semântica faz aparecer na posição B de (76) um argumento não visível na superfície, e que é por isso qualificado de "parasitário".

Não nos impressionemos se os argumentos parasitários de Bierwisch são predicados: o uso de predicados como argumentos de predicados é corriqueiro: pense-se por exemplo na estrutura lógica necessária para o verbo posar de.

A reflexão de Bierwisch sobre argumentos parasitários foi aplicada por Dascal ao termo chave do discurso moral, o adjetivo bom: Dascal mostra que não há um sentido absoluto em que um determinado objeto é bom: uma boa pedra terá, objetivamente, características diferentes conforme a utilizemos para segurar papéis numa mesa, bater uma estaca ou construir sobre ela uma casa; assim, o adjetivo bom precisa ser analisado também como um predicado relacional: também na representação semântica de bom aparecerão "argumentos parasitários", cujo preenchimento pode eventualmente ser explícito, como quando dizemos

(78) Esta pinga é boa | de beber, pura
| de fazer caipirinha
| de jogar fora, etc.

mas pode dar-se também implicitamente, por referência a uma função característica do objeto (uma boa tesoura é uma tesoura que corta melhor que a média dos objetos cortantes), ou de interesses momentâneos dos locutores, não verbalizados. A constatação de que aplicamos o adjetivo bom a pessoas leva Dascal a perguntar-se se existiria uma função característica para pessoas. Há uma semelhança óbvia entre os contextos estudados por Bierwisch e Dascal e alguns dos nossos. Voltemos aos nossos exemplos

(79a) Para quem recebeu uma seleção de aleijados,
Telê saiu-se bem.

(79b) Telê saiu-se bem.

Eles têm entre si uma relação substancialmente semelhante à de

(80a) Spoque é alto para um pigmeu.

(80b) Spoque é alto.

Semelhanças mais marcadas:

1. os enunciados a. explicitam um ponto de referência para a avaliação que se faz nos enunciados b.;
2. a. não acarreta b., a menos que o termo de referência não verbalizado em b. seja, situacionalmente, o mesmo que em a.;
3. os enunciados b. soam completos; a ausência de termos de referência explícitos não impede que os falantes lancem mão de dados culturais ou situacionais para se orientarem na busca de uma interpretação "objetiva".

Se a comparação procede, a construção com para presente em (79a) é apenas mais um dos recursos sintáticos que fazem emergir na superfície um "argumento parasitário". Como o faz Dascal, cabe perguntar então o que é, exatamente, que se compara quando o termo de comparação não é explicitado (79b) talvez a cultura coloque à nossa disposição "termos de comparação geralmente válidos"; talvez a falta de explicitação não passe de mais uma área de indeterminação que fica como espaço aberto para a negociação dos interlocutores.

4.2.2 - A proposta do parágrafo anterior não se aplica a falar como rei. Falar não é um verbo apreciativo, e sua interpretação não mobiliza necessariamente um "segundo termo de comparação". Por isso, para explicar essa construção, utilizaremos a reflexão de Bierwisch de modo mais livre - uma liberdade aliás plenamente justificada na tradição em que Bierwisch se inscreve. Para Bierwisch, o número de argumentos que um predicado toma no nível da representação lógico-semântica é fixo, tão fixo que serve de critério para a homonímia (por exemplo, o subst. al. Mann é descrito como um exemplo de homonímia, por ser ora um predicado unário, quando significa "... é homem", ora um predicado binário, quando significa "... é marido de...").

Mas na tradição a que pertence Bierwisch, que é a mesma de Weinreich e Reichenbach, faz sentido perguntar se não há mecanismos gramaticais que servem especialmente para construir

predicados a partir de predicados, com eventual alteração do número de argumentos. Reichenbach tinha visto assim a formação de comparativos: o predicado é mais reta do que de (81) não é para ele algo totalmente desvinculado do predicado é reta de (80):

(80) A estrada é reta.

(81) A estrada é mais reta do que a praia.

Entre as duas formas medeia uma regra de formação de comparativos que, do ponto de vista sintático envolve a incorporação de um segundo SN, e do ponto de vista semântico implica no acréscimo de um argumento.

Numa linha de reflexão análoga, não é difícil ver em fala como rei o resultado da combinação segundo um processo particular de dois predicados "constituintes": x fala e x é rei; como aparece com o papel de um operador que permite amalgamar dois predicados, resultando num predicado complexo (no caso, um predicado que descreve um tipo particular de fala, sujeita a determinadas conseqüências).

Nessa função, o operador como não é um operador de comparação ou pelo menos não é o operador de comparação convencional: indica uma propriedade inerente a um dos termos da oração, que se quer realçar como relevante para compreender sua participação no processo. Resta saber por que se busca esse realce algumas vezes, ao passo que outras vezes ele é dispensado: essa parece ser a velha questão de saber em que condições a língua natural recorre a determinantes, e o dilema é o mesmo diante do qual nos detivemos no final da secção anterior: pode ser que, à falta de determinações, nos orientemos por certas interpretações preferenciais. Afinal, em

(82) Pedro tem 12 anos de idade,

entendemos que a idade é cronológica; em

(83) Pedro tem 12 anos de idade mental.

afastamo-nos do sentido mais corrente de idade, que passa a ser tomado como medida de desenvolvimento mental; pode ser também que a falta de determinações deixe um espaço disponível para a negociação dos interlocutores.

4.3 - As noções de sincategorematicidade e de hedge

No decorrer das secções 2. e 3., tocamos de passagem em mais duas figuras a que os nossos exemplos (alguns pelo menos) poderiam ser referidos com algum interesse explicativo: a de sincategorematicidade e a de hedge. Examinamos a seguir, rapidamente, essas noções, ainda que seja apenas para apontar linhas de reflexão em que não avançaremos de fato aqui.

4.3.1 - (Sin)categorematicidade

A noção de sincategorematicidade tem sido utilizada para explicar por que não há contradição em frases como

(90) Pedro é médico experimentado e psicólogo incompetente.

(91) Jorge é um severo crítico do sistema, e um complacente usuário de suas benesses.

Nessas frases, os predicativos do sujeito são compostos de um adjetivo e de um substantivo comum - precisamente a mesma estrutura que se observa em

(92) Herman é um lingüista belga;

mas ao contrário do que ocorre com (92), da qual se infere tanto (93) como (94):

(93) Herman é um lingüista.

(94) Herman é um belga.

de (90) não se infere nem que Pedro é experimentado nem que Pedro é incompetente.

A noção de sincategorematicidade aponta para uma solução deste quebra-cabeças sugerindo que os adjetivos experimentado, incompetente e seus homólogos "significam junto" com o substantivo que os segue e não podem ser interpretados isoladamente.

É inegável que muitas das construções enumeradas em nosso levantamento nos colocam problemas semânticos parecidos com os das construções sincategoremáticas mais típicas: mais ainda, seria possível encontrar paráfrases sincategoremáticas para muitas daquelas construções, ou vice-versa (Pedro é experimentado

como/enquanto médico, incompetente para um psicólogo, etc.).

O problema em recorrer à sincategorematicidade é que, uma vez que a discussão se torna um pouco mais articulada, indo além da exposição de exemplos paradigmáticos, os contornos semânticos da noção e suas conexões com a intensão e com o "desdobramento de sub-referentes" não ficam claros. Supondo que a aproximação seja esclarecedora, não fica claro o que esclareceria o quê.

4.3.2 - Os hedges

O fenômeno conhecido como hedging chamou a atenção dos lingüistas há cerca de uma década, como um argumento forte contra a tese de que a significação das palavras pode ser reduzida a uma série finita e fechada de traços, fixados uma vez por todas no léxico da língua. De fato, não tem sentido montar listas desse tipo se as propriedades que seriam associadas de maneira standard a uma determinada palavra (por exemplo a propriedade de ser mamífero, associada à palavra baleia) se alteram tão logo passamos de um contexto discursivo (por exemplo o da zoologia) a outro (por exemplo o das crenças populares, onde a baleia é um peixe e não um mamífero).

De algum modo, todas as construções aqui consideradas têm em comum o fato de que relativizam a verdade de uma asserção dada a um determinado contexto discursivo: mas isto não basta para que a figura do hedge fique automaticamente caracterizada como explicação para todos os casos que levantamos: dito de outra maneira, há uma grande distância entre a construção "para quem" a propósito da qual lembramos a noção de hedge na seção 3.2.2, e construções como "O São Francisco de Giotto"; a noção de hedge defronta-nos assim com uma espécie de dilema: ou a tomamos tecnicamente, e então nos resta a árdua tarefa de enquadrar nela todos os casos estudados, mostrando que em todos se passa insensivelmente da alteração das condições de verdade de enunciados empíricos para a transgressão de "regras de significação", ou a tomamos intuitivamente; se optarmos por esta segunda alternativa, poderemos até achar que cada uma das construções que vemos estudando alude a seqüências discursivas em cujo contexto as frases devem ser recolocadas para uma compreensão adequada. Resta saber, neste caso, se nossa reflexão não se terá limitado a dar um nome diferente à nossa intuição inicial, de que há na língua construções que nos convidam a construir sub-referentes e a definir condições de verdade numa perspectiva particular.

5. Encerramos aqui estas notas, insistindo em seu caráter inconclusivo e descompromissado. Comparemos nossa tarefa, neste trabalho, ao primeiro contato de um caminhante com uma região para ele desconhecida. Terá subido alguns morros, cruzado algumas trilhas e visto o território de vários pontos de vantagem. Até fazer um bom mapa, precisará ainda de muitas caminhadas, mas talvez se console porque seu contato com o terreno, além de proporcionar-lhe várias pequenas descobertas, o autoriza ainda a um número indefinido de rabiscos.